



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



**Martins Pena**

*Os Irmãos das Almas*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *Os Irmãos das Almas*

## Martins Pena

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1846.

Livro Digital nº 854 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Luís Carlos Martins Pena**

**(1815 - 1848)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# OS IRMÃOS DAS ALMAS

## COMÉDIA EM UM ATO



### PERSONAGENS:

MARIANA (mãe de...)

EUFRÁSIA

LUÍSA (irmã de...)

JORGE (marido de Eufrásia)

TIBÚRCIO (amante de Luísa)

SOUSA (irmão das almas)

FELISBERTO

Um irmão das almas.

Um cabo de Permanentes.

Quatro soldados.

*A Cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1844, no dia de Finados.*

### ATO ÚNICO

*Sala com cadeiras e mesa. Porta no fundo e à direita; à esquerda um armário grande. Durante todo o tempo da representação, ouvem-se ao longe dobres fúnebres.*

### CENA I

LUÍSA (*sentada em uma cadeira junto à mesa*)

Não é possível viver assim muito tempo! Sofrer e calar é minha vida. Já não posso! (*Levanta-se*) Sei que sou pesada a D. Mariana e que minha cunhada não me vê com bons olhos, mas quem tem culpa de tudo isto é o mano Jorge. Quem o mandou casar-se, e vir para a companhia de sua sogra? Pobre irmão; como tem pago essa loucura! Eu já podia estar livre de tudo isto, se não fosse o maldito segredo que descobri. Antes não soubesse de nada!

**CENA II**  
*Eufrásia e Luísa.*

**EUFRÁSIA** (*entrando vestida de preto como quem vai visitar igrejas em dia de Finados*)

Luísa, tu não queres ir ver os finados?

**LUÍSA**

Não posso, estou incomodada. Quero ficar em casa.

**EUFRÁSIA**

Fazes mal. Dizem que este ano há muitas caixinhas e urnas em S. Francisco e no Carmo, e além disso, o dia está bonito e haverá muita gente.

**LUÍSA**

Sei o que perco. Bem quisera ouvir uma missa por alma de minha mãe e de meu pai, mas não posso.

**EUFRÁSIA**

Missas não hei de eu ouvir hoje; missas em Dia de Finados é maçada. Logo três! O que eu gosto é de ver as caixinhas dos ossos. Há agora muito luxo.

**LUÍSA**

Mal empregado.

**EUFRÁSIA**

Por quê? Cada um trata os seus defuntos como pode.

**LUÍSA**

Mas nem todos os choram.

**EUFRÁSIA**

Chorar? E para que serve chorar? Não lhes dá vida.

LUÍSA

E que lhes dão as ricas urnas?

EUFRÁSIA

O que lhes dão? Nada; mas ao menos fala-se nos parentes que as mandam fazer.

LUÍSA

E isso é uma grande consolação para os defuntos...

EUFRÁSIA

Não sei se é ou não consolação para os defuntos, mas posso-te afirmar que é divertimento para os vivos. Vai-te vestir e vamos.

LUÍSA

Já te disse que não posso.

EUFRÁSIA

Luísa, tu és muito velhaca!

LUÍSA

E por quê?

EUFRÁSIA

Queres ficar em casa para veres o teu namorado passar. Mas não sejas tola; vai à igreja, que lá é que se namora bem no aperto.

LUÍSA (*com tristeza*)

Já lá se foi esse bom tempo de namoro!

EUFRÁSIA

Grande novidade! Brigaste com o teu apaixonado?

LUÍSA

Não; mas depois do que soube, não devo mais vê-lo.

EUFRÁSIA

E o que soubeste então?

LUÍSA

Que ele era... Até não me atrevo a dizê-lo.

EUFRÁSIA

Assustas-me!

LUÍSA

Considera a coisa mais horrorosa que pode ser um homem.

EUFRÁSIA

Ladrão?

LUÍSA

Pior.

EUFRÁSIA

Assassino?

LUÍSA

Ainda pior.

EUFRÁSIA

Ainda pior que assassino? Rebelde?

LUÍSA

Muito pior!

EUFRÁSIA

Muito pior que rebelde? Não sei o que seja.

LUÍSA

Não sabes? (*Com mistério*) Pedreiro-livre!

EUFRÁSIA



Pedreiro-livre? Santo breve da marca! Homem que fala com o diabo à meia-noite! (*Benze-se*)

LUÍSA

Se fosse só falar com o diabo! Tua mãe diz que todos os que para eles se chegam ficam excomungados, e que antes quisera ver a peste em casa do que um pedreiro-livre. (*Benze-se; o mesmo faz Eufrásia*) Não, não! Antes quero viver toda a minha vida de favores e acabrunhada, do que casar-me com um pedreiro-livre. (*Benze-se*)

EUFRÁSIA

Tens razão. Eu tenho-lhes um medo de morte; e minha mãe quando os vê, fica tão fora de si que faz desatinos. Ora, quem havia dizer que o Sr. Tibúrcio era também da panelinha!

LUÍSA

Eu seria tão feliz com ele, se não fosse isso!...

EUFRÁSIA

Também... Perdes um marido; pouco perdes... Para que serve um marido?

LUÍSA

Para que serve um marido? Boa pergunta! Para muitas coisas.

EUFRÁSIA

Sim, para muitas coisas más.

LUÍSA

Dizes isso porque já estás casada.

EUFRÁSIA

Essa é que é a desgraça: não termos medo ao burro, senão depois do coice. Um marido! Sabes tu o que é um marido? É um animal exigente, impertinente, insuportável... A mulher que quiser viver bem com o seu, faça o que eu faço: bata o pé, grite mais do que ele, caia em desmaio, ralhe e quebre os trastes. Humilhar-se? Coitada da

que se humilha! Então são eles leões. O meu homem será sendeiro toda sua vida... E se hás de ter o trabalho de ensinares a esses animais, é melhor que não te cases.

LUÍSA

Isso é bom de se dizer...

EUFRÁSIA

E de se fazer. Vou acabar de me vestir. (*Sai*)

### CENA III

*Luísa e depois Jorge.*

LUÍSA (*só*)

Pobre Jorge; com quem te foste casar! Como esta mulher te faz infeliz! Pedreiro-livre!... Quem o dissera!

*(Entra Jorge vestido com opa verde de irmão das almas; traz na mão uma bacia de prata com dinheiro, ovos e bananas. Logo que entra, põe a bacia sobre a mesa)*

JORGE (*entrando*)

Adeus, mana Luísa.

LUÍSA

Já de volta?

JORGE

A colheita hoje é boa. É preciso esvaziar a salva. (*Faz o que diz*) Guarda metade deste dinheiro antes que minha mulher o veja, que tudo é pouco para ela; e faze-me destes ovos uma fritada e dá estas bananas ao macaco.

LUÍSA

Tenho tanta repugnância de servir-me deste dinheiro...

JORGE

Por quê?

LUÍSA

Dinheiro de esmolas que pedes para as almas...

JORGE

E então o que tem isso? É verdade que peço para as almas, mas nós também não temos alma? Negar que a temos é ir contra a religião, e além disso, já lá deixei dois cruzados para se dizer missas para as outras almas. É bem que todas se salvem.

LUÍSA

Duvido que assim a tua se salve.

JORGE

Deixa-te de asneiras! Pois pensas que por alguns miseráveis dois vinténs, que já foram quatro, (*pega em uma moeda de dois vinténs*) – olha, aqui está o carimbo... – um pai de família vá para o inferno? Ora! Supõe que amanhã afincam outro carimbo deste lado. Não desaparecem os dois vinténs e eu também não fico logrado? Nada, antes que me logrem, logro eu. E demais, tirar esmolas para almas e para os santos é um dos melhores e mais cômodos ofícios que eu conheço. Os santos sempre são credores que não falam... Tenho seis opas para os seis dias da semana; aqui as tenho. (*Vai ao armário e tira seis opas*) No domingo descanso. Preferi tê-las minhas – é mais seguro; não dou satisfação a tesoureiro nenhum. Às segundas-feiras visto esta verde que tenho no corpo; às terças, esta roxa; às quartas, esta branca; às quintas, esta encarnada; às sextas, esta roxa e branca e aos sábados esta azul.

LUÍSA

E não entregas dinheiro nenhum para os santos?

JORGE

Nada, o santo destas opas sou eu. Não tenho descanso, mas também o lucro não é mau.

LUÍSA

O lucro... Aquele pobre velho que morava defronte do paredão da Glória também pedia esmolas para os santos, e morreu à míngua.

JORGE

Minha rica, o fazer as coisas não é nada; o sabê-las fazer é que é tudo. O carola experiente deve conhecer as ruas por que anda, as casas em que entra e as portas a que bate. Ruas há em que se não pilha um real – essas são as da gente rica, civilizada e de bom-tom, que, ou nos conhecem, ou pouco se lhe dá que os santos se alumiem com velas de cera ou de sebo, ou mesmo que estejam às escuras. Enfim, pessoas que pensam que quando se tem dinheiro não se precisa de religião. Por essas ruas não passo eu. Falem-me dos becos aonde vive a gente pobre, das casas de rótulas, das quitandeiras; aí sim, é que a pipineira é grossa! (*Vai guardar as opas*) Tenho aprendido à minha custa!

LUÍSA (*sorrindo-se*)

À custa dos tolos, deves dizer.

JORGE

E quem os manda serem tolos? Mas, ah, neste mundo nem tudo são rosas. Eu vivia tão bem e tão feliz, e por desconto dos meus pecados dei a mais reverente das cabeçadas!

LUÍSA

Qual cabeçada?

JORGE

O casar-me. Ah, minha filha, o casamento é uma cabeçada que deixa o homem atordoado por toda a vida, se o não mata. Se eu soubesse...

LUÍSA

Agora é tarde o arrependimento; queixa-te de ti.

JORGE

Que queres? Um dia mete-se o diabo nas tripas de um homem e eilo casado. Ainda alguns são felizes, mas eu fui mesmo desgraçadíssimo! Esbarrei-me de focinhos! Encontrei com uma mulher linguaruda, preguiçosa, desavergonhada e atrevida... E para maior infelicidade, vim viver com minha sogra, que é um demônio; leva todo o dia a atçar a filha contra mim. Vivo num tormento.

LUÍSA

Eu bem o vejo.

JORGE

Quando a roda principia a desandar, é assim. Dois meses depois de eu estar casado, morreu nossa mãe e tu te viste obrigada a vires para minha companhia, para aturares estas duas víboras. Ah, suportar uma mulher é um castigo, mas aturar também uma sogra é... nem eu sei o que seja!... É uma injustiça que Deus nos faz. E quando elas têm um conselheiro e compadre da laia do nosso vizinho Sousa... Isso...  
*(Dá estalos com os dedos)*

LUÍSA

Dizes bem, Jorge, esse nosso vizinho é uma das causas do estado desgraçado em que vives com tua mulher, pelos conselhos que lhe dá.

JORGE

Velho infernal, mexeriqueiro baboso! Não te poder eu correr com um pau pela porta fora! Mas ainda isto não é o maior infortúnio... Olha, Luísa, há coisas que um marido, por mais prudente que seja, não pode tragar. Tens visto aqui nesta casa o Felisberto?

LUÍSA

Tenho sim.

JORGE

Pois esse patife, que ninguém sabe do que vive, que não tem ofício nem benefício, que está todo o santo dia no Largo do Rocio, metido na súa dos meirinhos, com o pretexto de ser primo de minha mulher entra por esta casa a dentro com toda a sem-cerimônia, sem dizer tir-te, nem guar-te; anda de um quarto para outro com toda a frescura, conversa-se em segredo com minha mulher e cala-se quando eu chego.

LUÍSA

E por que o sofre, mano? Não é você o homem desta casa? Até quando há de ter medo de sua mulher?

JORGE

Medo? Pois eu tenho medo dela? (*Com riso forçado*) É o que me faltava! O que eu tenho é prudência; não quero desbaratar...

LUÍSA (*à parte*)

Coitado!

JORGE

Ele já veio hoje?

LUÍSA

Ainda não.

JORGE

Admira-me!

#### CENA IV

*Felisberto e os mesmos.*

FELISBERTO (*entrando*)

Vivório!

JORGE (*à parte*)

Já tardava!

FELISBERTO (*para Luísa, sem dar atenção a Jorge*)

Adeus, minha bela Luisinha. A prima Eufrásia está lá dentro?

LUÍSA (*secamente*)

Está.

(*Felisberto encaminha-se para sair pela direita, sem dar atenção alguma a Jorge*)

JORGE (*seguindo-o*)

Então assim se pergunta por minha mulher e vai-se entrando?

(*Felisberto sai*) E então? Querem-na mais clara? Que figura faço eu aqui? Que papel represento? (*Passeia agitado de um para outro lado*)

LUÍSA (*seguindo-o*)

Meu irmão, por que não fazes um esforço para saíres deste vexame em que vives? Cobre energia! Mostre que é homem! Isto é uma vergonha! Não se acredita! Que fraqueza!

JORGE (*parando*)

É fraqueza?

LUÍSA

É, sim.

JORGE

Pois quero mostrar-te para que sirvo. Quero mostrar-te que sou homem e que nesta casa governo eu.

LUÍSA

Felizmente.

JORGE

Vou ensiná-las, botar este biltre pela porta a fora! Basta de humilhação! Vai tudo com os diabos!

*(Caminha intrepidamente e a passos largos para a porta da direita, mas aí chegando, para)*

LUÍSA

Então, paras?

JORGE *(voltando)*

Melhor é ter prudência. Tenho medo de fazer uma morte.

LUÍSA

Meu Deus, que fraqueza!

JORGE

E retiro-me, que não respondo por mim... e mesmo porque vou à botica buscar o sinapismo que minha sogra pediu. *(Sai)*

## CENA V

*Luísa, só, e depois Mariana.*

LUÍSA

Isto contado não é crível! Ter um homem medo de sua mulher e de sua sogra a esse ponto! Ah, se eu fosse homem e tivesse uma mulher como esta!...

MARIANA *(entrando)*

Vai coser a renda da minha mantilha! *(Luísa sai. Mariana estará de vestido de riscado e saia de lila preta)* Pague o que come! É um trambolho que eu tenho em casa. A boa joia do meu genro julga que eu também devo carregar com a irmã. Está enganado; hei de atrapalhá-la até que a desgoste para sair daqui. Arre!

## CENA VI

*Mariana e Sousa.*

SOUSA *(entrando vestido de opa)*



Bons dias, comadre.

MARIANA

Oh, compadre Sousa, por cá?

SOUSA

Ando no meu fadário, comadre. É preciso ganhar a vida. (*Põe a salva sobre a mesa*)

MARIANA

Isso é assim, compadre.

SOUSA

E como já estou velho, escolho o ofício que mais me serve... Tiro esmolas.

MARIANA

E as faz render, hein?

SOUSA

Nada, comadre. Ganho só duas patacas por dia, que me paga o tesoureiro da irmandade para quem tiro esmola.

MARIANA

Só duas patacas? Tão pouco, compadre?

SOUSA

Eu podia fazer como grande parte dos meus companheiros, que tiram as esmolas para si, mas isso não faço eu; quisera antes morrer de fome. Dinheiro sagrado! Talvez a comadre zombe do que eu digo...

MARIANA

Eu não, compadre.

SOUSA

Porque consta-me que seu genro...

MARIANA

Meu genro é um tratante.

SOUSA

Há em todas as profissões velhacos que as desacreditam.

MARIANA

Não se importe com isso, compadre.

SOUSA

Oh, eu vivo tranquilo com minha consciência.

MARIANA

Faz muito bem.

SOUSA

Como vai a comadrinha?

*(Aqui aparece à porta do fundo Jorge, que trará uma tigela na mão. Vendo Mariana e Sousa, para e escuta)*

MARIANA

Vai bem, compadre. Só o diabo do marido é que lhe dá desgostos; é uma besta que meti em casa...

SOUSA

Comadre, as bestas também se ensinam...

JORGE *(à parte)*

Patife!

MARIANA

Deixe-o comigo, compadre.

SOUSA

A comadre é mãe e deve vigiar na felicidade de sua filha. Os maridos são o que as mulheres querem que eles sejam. Sou velho e tenho experiência do mundo. A comadrinha que não fraqueie, senão ele bota-lhe o pé no pescoço.

JORGE (*à parte*)  
Tratante!

MARIANA  
Isso lhe digo eu sempre, e ela o faz. Olhe, compadre, quanto a isso puxou cá à pessoa... O meu defunto não via *boia* comigo...

## CENA VII

*Os mesmos e Felisberto.*

FELISBERTO  
Adeus, tia; vou-me embora.

MARIANA  
Vem cá, rapaz.

FELISBERTO  
O que quer?

MARIANA  
Ó compadre, você não achará um arranjo para este rapaz?

SOUSA  
Fraco empenho sou eu, comadre.

FELISBERTO  
Não preciso de arranjo.

MARIANA  
É melhor trocar as pernas por essas ruas como um valdevinos, em risco de ser preso para soldado? Andar sempre pingando e sem

vintém para comprar uma casaca nova? Vê como os cotovelos desta estão rotos, e esta calça, como está safada.

FELISBERTO

Assim mesmo é que eu gosto... É liberdade! Cada um faz o que quer e anda como lhe parece. Não nasci para me assujeitar a ninguém.

MARIANA

Ai, que modo de pensar é esse? Então, compadre, não descobre nada?

SOUSA

Eu? Só se ele quer também pedir esmolas, posso arranjar-lhe uma opa.

MARIANA

Lembra muito bem. Ó sobrinhozinho, queres pedir esmolas?

FELISBERTO (*insultado*)

Pois tia Mariana, acha que eu nasci para pedir esmolas? Isso é insultar-me! E o Sr. Sousa...

SOUSA

Eu digo: no caso de querer...

MARIANA

Estou vendo que nasceste para príncipe... Já te não lembras que teu pai era malsim?

FELISBERTO

Isto foi meu pai; eu não tenho nada com isso.

SOUSA

Pedir para santos é uma profissão honesta.

MARIANA

Que não desonra a ninguém. Veste-se uma opa, entra-se pelas casas...

FELISBERTO (*à parte*)  
Entra-se pelas casas...

MARIANA  
...bate-se à escada, e se se demoram a vir saber quem é, assenta-se o homem um momento, descansa...

FELISBERTO (*embebido numa ideia, sem ouvir a tia*)  
Entra-se pelas casas...

MARIANA  
...vem o moleque ou a rapariga trazer o vintenzinho...

FELISBERTO  
Pois bem, tia, quero-lhe fazer o gosto; pedirei hoje esmola; até para ver se o ofício me agrada.

MARIANA  
Sempre te conheci muito juízo, sobrinhozinho. O compadre arranja-lhe a opa?

SOUSA  
Fica a meu cuidado.

MARIANA  
Muito bem. E dê-me licença, que vou acabar de me vestir. (*Sai*)

## CENA VIII

*Sousa e Felisberto; e depois Jorge.*

FELISBERTO (*à parte*)  
Não me lembrava que opa, às vezes, dá entrada até o interior das casas...

SOUSA  
Vamos?

FELISBERTO  
Quando quiser.

*(Encaminham para a porta do fundo; Jorge entra e passa por entre eles)*

SOUSA *(para Jorge, quando passa)*  
Um seu criado, Sr. Jorge.

*(Jorge não corresponde o cumprimento e dirige-se para a porta da direita)*

FELISBERTO *(voltando-se)*  
Malcriado!

*(Jorge, que está junto à porta para sair, volta-se)*

JORGE  
Hein?

FELISBERTO *(chegando-se para ele)*  
Digo-lhe que é um malcriado!

JORGE *(com energia)*  
Isso é comigo?

FELISBERTO  
É sim.

JORGE *(vindo para a frente da Cena)*  
Há muito tempo que eu procuro esta ocasião para nos entendermos.

FELISBERTO  
Muito estimo. *(Arregaça as mangas da casaca)*

SOUSA

Acomodem-se...

JORGE

O senhor tem tomado muitas liberdades em minha casa.

FELISBERTO

Primeiramente, a casa não é sua; e segundo, hei de tomar as liberdades que bem me parecerem.

SOUSA

Senhor Felisberto!...

JORGE

O senhor entra por aqui e não faz caso de mim?

FELISBERTO

E que figura é o senhor para eu fazer caso?

SOUSA

Senhor Jorge!... *(Metendo-se no meio)*

JORGE

Chegue-se para lá; deixe-me, que estou zangado. O senhor fala com minha mulher em segredo, na minha presença...

FELISBERTO

Faço muito bem, porque é minha prima.

JORGE *(gritando e batendo com os pés)*

Mas é minha mulher! E sabe que mais? É por consideração a ela que agora mesmo não lhe esmurro estas ventas. *(Sai com passos largos)*

FELISBERTO

Anda cá! *(Quer segui-lo; Sousa o retém)*

SOUSA

Aonde vai?

FELISBERTO (*rindo-se*)

Ah, ah, ah! Não sei aonde foi a prima achar este côdea para marido. Tenho-lhe dito muitas vezes que é a vergonha da família.

SOUSA

É um homem sem princípios!

FELISBERTO

Eu regalo-me de não fazer caso nenhum dele... (*Ouvem-se gritos dentro*) Ouça, ouça! Não ouve esses gritos? É a tia e a prima que andam com ele às voltas. Ah, ah!

SOUSA

Deixá-lo, e vamos, que se vai fazendo tarde. (*Saem ambos, rindo-se*)

## CENA IX

*Entra Jorge desesperado.*

JORGE

Os diabos que as carreguem, corujas do diabo! Assim não vai longe; desanda tudo em muita pancadaria. Ora cebolório! Que culpa tenho eu que o boticário se demorasse em fazer o sinapismo? É bem feito, Sr. Jorge, é bem feito! Quem o mandou ser tolo? Agora aguente... (*Gritos dentro*) Grita, grita, canalha, até que arreentem pelas ilhargas! Triste sorte... Que sogra, que mulher! Ah, diabos! Maldita seja a hora em que eu te dei a minha mão; antes te tivesse dado o pé, e um coice que arreentasse a ti, a tua mãe e a toda tua geração passada e por passar. É preciso eu tomar uma resolução. A mana Luísa tem razão; isto é fraqueza. Vou ensinar àquelas víboras!

*(Diz as últimas palavras caminhando com resolução para a porta; aí aparece Eufrásia e ele recua)*



**CENA X**  
*Jorge e Eufrásia.*

EUFRÁSIA  
Quem é víbora?

*(Eufrásia caminha para ele, que vai recuando)*

JORGE  
Não falo contigo... *(Recua)*

EUFRÁSIA *(seguindo-o)*  
Quem é víbora?

JORGE *(recuando sempre, e encosta-se no bastidor da esquerda)*  
Já disse que não falo contigo!

EUFRÁSIA *(junto dele)*  
Então quem é? Sou eu? Fala!

JORGE *(querendo mostrar-se forte)*  
Eufrásia!...

EUFRÁSIA  
Qual Eufrásia! Sou um raio que te parta!...

JORGE  
Retira-te! Olha que te perco o respeito!

EUFRÁSIA *(com desprezo)*  
Pedaço de asno!

JORGE  
Pedaço de asno? Olha que te... *(Faz menção de dar uma bofetada)*

EUFRÁSIA *(volta para trás, gritando)*

Minha mãe, minha mãe!

JORGE (*seguindo-a*)  
Cala-te, demônio!

EUFRÁSIA (*junto à porta*)  
Venha cá!

## CENA XI

*Mariana e os mesmos.*

MARIANA (*entrando com um pano de sinapismo na mão*)  
O que é? O que é?

JORGE (*recuando*)  
Agora sim!

EUFRÁSIA  
Sô Jorge está-me maltratando!

MARIANA  
Grandessíssimo sacripante!

JORGE  
Sacripante?

EUFRÁSIA  
Deu-me uma bofetada!

MARIANA  
Uma bofetada na minha filha?

JORGE (*atravessa por diante de Mariana e chega-se, rancoroso, para Eufrásia*)  
Dei-te uma bofetada, hein?

MARIANA (*puxando-o pelo braço*)  
Que atrevimento é esse, grandessíssimo patife?

JORGE (*desesperado*)  
Hoje aqui há morte!

EUFRÁSIA  
Morte! Queres-me matar?

MARIANA  
Ameaças, grandessíssimo traste?

JORGE (*para Mariana*)  
Grandessíssima tartaruga!

MARIANA  
Tartaruga! A mim?

EUFRÁSIA (*puxando-lhe pelo braço*)  
Insultas a minha mãe?

JORGE (*para Eufrásia*)  
Grandessíssima lampreia!

EUFRÁSIA  
Que afronta! Ai, ai, que morro... (*Vai cair sentada em uma cadeira e finge-se desmaiada*)

JORGE  
Morre, arrebenta, que te leve a breca!

(*Quer sair; Mariana o retém pela opa*)

MARIANA  
Tu matas minha filha, patifão, mas eu hei de arrancar-te os olhos da cara...

JORGE  
Largue a opa!

MARIANA  
...encher essa cara de bofetões!

JORGE  
Largue a opa!

MARIANA  
Pensas que minha filha não tem mãe?

JORGE  
Largue a opa!

MARIANA  
Pensas que eu hei de aturar a ti, e a lambisgoia da tua irmã?

JORGE (*com raiva*)  
Senhora!...

MARIANA  
Queres-me matar também, mariola?

JORGE (*cerrando os dentes de raiva e metendo a cara diante da de Mariana*)  
Senhora!... Diabo!...

MARIANA  
Ah!

(*Dá-lhe com o pano de sinapismo na cara. Jorge dá um grito de dor, leva as mãos à cara e sai gritando*)

JORGE  
Estou cego! Água, água!...

*(Sai pelo fundo. Mariana desfecha a rir às gargalhadas, e o mesmo faz Eufrásia, que se levanta da cadeira. Conservam-se a rir por alguns instantes, sem poderem falar. Luísa aparece à porta)*

EUFRÁSIA

Que boa lembrança! Ah, ah!

LUÍSA *(à parte)*

O que será?

MARIANA

Que bela receita para maridos desavergonhados! Ah, ah!

EUFRÁSIA

Já não posso rir-me... Ah, ah!

MARIANA

Que cara fez ele *(Vendo Luísa)* O que queres?

LUÍSA *(tímida)*

Eu...

MARIANA

Bisbilhoteira! Vai buscar minha mantilha e o leque de tua cunhada!

*(Luísa sai)*

EUFRÁSIA

Já sei o remédio daqui por diante.

MARIANA

Sinapismo nele.

EUFRÁSIA

Mas não vá ele ficar cego.

MARIANA

Melhor para ti! (*Entra Luísa com uma mantilha na mão e um leque, que entrega a Eufrásia*) Dá cá; não podias trazê-la sem machucar? Desazada! (*Põe a mantilha sobre a cabeça*) Vamos que vai ficando tarde. Iremos primeiro a S. Francisco, que está aqui pertinho. (*Para Luísa*) E tu, fica tomando conta na casa, já que não tens préstimo para nada... Pague o que come; não sou burra de ninguém. Vamos, menina.

## CENA XII

*Luísa e depois Tibúrcio.*

LUÍSA (*só*)

Não tenho préstimo... Sempre insultos! Sou a criada de todos nesta casa. Vou pedir ao mano que me meta no Convento da Ajuda.

TIBÚRCIO (*dentro*)

Esmola para missas das almas.

LUÍSA

Quem é?

*(Tibúrcio aparece à porta, vestido de irmão das almas)*

TIBÚRCIO

Esmola para missas das almas.

LUÍSA (*sem o reconhecer*)

Deus o favoreça!

TIBÚRCIO

Amém. (*Adianta-se*)

LUÍSA

O senhor o que quer?

TIBÚRCIO

Deus me favorece...

LUÍSA

O senhor Tibúrcio!

TIBÚRCIO

Ele mesmo, que morria longe de ti.

LUÍSA

Vá-se embora!

TIBÚRCIO

Cruel, que te fiz eu?

LUÍSA

Não fez nada, mas vá-se embora.

TIBÚRCIO

Há oito dias que não te vejo. Tenho tanto que te dizer... Oito dias e oito noites levei a passar pela tua porta, e tu não me aparecias; até que tomei a resolução de vestir esta opa para poder entrar aqui sem causar desconfiança. Seremos felizes; nossa sorte mudou. (*Põe a bacia sobre a mesa*)

LUÍSA

Mudou?

TIBÚRCIO

Bem sabes que há muito tempo que ando atrás de um lugar de guarda da Alfândega, e que não tenho podido alcançar; mas agora já não preciso.

LUÍSA

Não precisa?

TIBÚRCIO

Comprei uma cautela de vigésimo, na "Casa da Fama", do Largo de Santa Rita, e saiu-me um conto de réis.

LUÍSA  
Ah!

TIBÚRCIO  
Vou abrir um armarinho. Agora posso pedir-te a teu irmão.

LUÍSA  
Não, não, não pode ser!

TIBÚRCIO  
Não queres ser minha mulher? Terás mudado? Ingrata!

LUÍSA  
Não posso, não posso! Meu Deus!

TIBÚRCIO  
Ah, já sei, amas outro. Pois bem; casa-te com ele. Quem o diria?

LUÍSA (*chorando*)  
Escuta-me...

TIBÚRCIO  
Não tenho que escutar. Vou-me embora, vou-me meter em uma das barcas de vapor da Praia Grande, até que ela arrebente... (*Falsa saída*)

LUÍSA  
Quanto sou infeliz!

TIBÚRCIO (*voltando*)  
Ainda me amas?

LUÍSA  
Ainda.



TIBÚRCIO

Então por que não queres casar comigo?

LUÍSA

Oh, acredita-me, é que eu não devo...

TIBÚRCIO

Não deves? Pois adeus, vou para o Rio Grande. (*Falsa saída*)

LUÍSA

Isto é um tormento que eu sofro!

TIBÚRCIO (*voltando*)

Então, queres que eu vá para o Rio Grande?

LUÍSA

Bem sabes quanto eu te amava, Tibúrcio; tenho disto te dado provas bastantes, e se...

TIBÚRCIO

Pois dá-me a única que te peço: casa-te comigo. Ah, não respondes? Adeus, vou para Montevideú. (*Sai pelo fundo*)

LUÍSA (*só*)

Nasci para ser desgraçada! Eu seria tão feliz com ele; mas é pedreiro-livre... Foi bom que ele se fosse embora. Eu não poderia resistir...

TIBÚRCIO (*parecendo à porta*)

Então, queres que eu vá para Montevideú?

LUÍSA

Meu Deus!

TIBÚRCIO (*caminhando para frente*)

Antes que eu parta desta terra ingrata; antes que eu vá afrontar esses mares, um só favor te peço, em nome de nosso antigo amor.

Dize-me, por que não queres casar comigo? Disseram-te que eu era aleijado, que tinha algum defeito oculto? Se foi isso, é mentira.

LUÍSA

Nada disso me disseram.

TIBÚRCIO

Então por que é?

LUÍSA

É porque... (*Hesita*)

TIBÚRCIO

Acaba, diz...

LUÍSA

Porque és... pedreiro-livre. (*Benze-se*)

TIBÚRCIO

Ah, ah, ah! (*Rindo-se às gargalhadas*)

LUÍSA

E ri-se?

TIBÚRCIO

Pois não me hei de rir? Meu amor, isto são caraminholas que te meteram na cabeça.

LUÍSA

Eu bem sei o que é. Falas com o diabo à meia-noite; mata as crianças para lhes beber o sangue; entregaste tua alma ao diabo; frequenta as...

TIBÚRCIO (*interrompendo-a*)

Tá, tá, tá! O que aí vai de asneiras! Não sejas pateta; não acredite nestas baboseiras.

LUÍSA

Baboseiras, sim!

TIBÚRCIO

Um pedreiro-livre, minha Luísa, é um homem como outro qualquer; nunca comeu crianças nem falou com o diabo à meia-noite.

LUÍSA

Visto isso, não é verdade o que te digo?

TIBÚRCIO

Qual! São carapetões que te meteram nos miolos para talvez te indisparem comigo. A maçonaria é uma instituição...

LUÍSA

Dá-me a sua palavra de honra que nunca falou com o diabo?

TIBÚRCIO

Juro-te que é sujeitinho com quem nunca me encontrei.

LUÍSA

Hoje ouviu missa?

TIBÚRCIO

Nem menos de três.

LUÍSA

Ah, que peso me tiraste do coração!

TIBÚRCIO

Consentes que eu fale a teu mano?

LUÍSA (*vergonhosa*)

Não sei...

Tibúrcio (*beijando-lhe a mão*)

Malditos tagarelas, que iam-me fazendo perder este torrão de açúcar! Minha Luísa, nós seremos muito felizes, e eu te...

MARIANA (*dentro*)

Devagar, devagar, que não posso.

LUÍSA (*assustada*)

É D. Mariana!

TIBÚRCIO

Vou-me embora!

LUÍSA

Não, não, que o podem encontrar no corredor! Minha cunhada o conhece... Esconda-se até que elas entrem, e depois saia!

TIBÚRCIO

Mas aonde?

LUÍSA

Neste armário.

(*Tibúrcio esconde-se no armário, deixando a bacia sobre a mesa*)

### CENA XIII

*Entra Mariana, apoiada nos braços de Eufrásia e de Sousa.*

MARIANA

Ai, quase morri... Tira-me esta mantilha. (*Luísa tira-lhe a mantilha*) Ai!  
(*Senta-se*) Muito obrigada, comadre.

SOUSA

Não há de quê, comadre.

EUFRÁSIA

Acha-se melhor, minha mãe?

MARIANA

Um pouco. Se o compadre não estivesse lá à porta da igreja para tirar-me do aperto, eu morria, certamente.

SOUSA

Aquilo é um desaforo!

MARIANA

É assim, é. Ajuntam-se esses brejeiros nos corredores das catacumbas para apertarem as velhas e darem beliscões nas moças.

SOUSA

E nos rasgarem as opas e darem caçoletas.

EUFRÁSIA

É uma indecência!

MARIANA

Espremeram-me de tal modo, que ia botando a alma pela boca a fora.

EUFRÁSIA

E a mim deram um beliscão, que quase arrancaram carne.

MARIANA

É insuportável!

SOUSA

Principalmente, comadre, em S. Francisco de Paula.

MARIANA

Estão horas inteiras num vaivém, só para fazerem patifarias.

EUFRÁSIA

A polícia não vê isso?

MARIANA

Ai, estou que não posso. Compadre, dê-me licença, que vou-me deitar um pouco.

SOUSA

Essa é boa, comadre!

MARIANA (*levanta-se*)

Já arranjou a opa para meu sobrinho?

SOUSA

A esta hora já está tirando esmolos.

MARIANA

Muito obrigada, compadre. Não se vá embora, jante hoje conosco.

SOUSA

A comadre manda, não pede.

MARIANA

Até já; descanse.

(*Saem Mariana, Eufrásia e Luísa*)

#### CENA XIV

*Sousa e depois Felisberto.*

SOUSA (*só*)

Estou estafado! (*Senta-se*) A pobre da comadre, se não sou eu, morre; já estava vermelha como um camarão. (*Ouvem-se dentro gritos de "pega ladrão!"*) O que será? (*Levanta-se; os gritos continuam*) É pega ladrão!

(*Vai para a porta do fundo; nesse instante entra Felisberto, que virá de opa e bacia, precipitadamente. Esbarra-se com Sousa e salta-lhe o dinheiro da bacia no chão*)

FELISBERTO

Salve-me, salve-me, colega! (*Trazendo-o para frente da Cena*)

SOUSA

O que é isto homem? Explique-se!

FELISBERTO (*tirando um relógio da algibeira*)

Tome este relógio, guarde-o.

(*Sousa toma o relógio maquinalmente*)

SOUSA

Que relógio é esse?

FELISBERTO

O povo aí vem atrás de mim, gritando: "Pega ladrão!" – mas creio que o logrei.

SOUSA

E o senhor roubou este relógio?

FELISBERTO

Não senhor! Entrei em uma casa para pedir esmola, e quando saí, achei-me com este relógio na mão, sem saber como... (*Vozearia dentro*) Aí vêm eles! (*Corre e esconde-se no armário*)

SOUSA (*com o relógio na mão*)

E me meteu em boas, deixando-me com o relógio na mão! Se assim me pilham estou perdido. (*Põe o relógio sobre a mesa*) Antes que aqui me encontrem, safo-me. (*Vai a sair; ao chegar à porta, para ouvir a voz de Jorge*)

JORGE (*dentro*)

Isto é um insulto! Não sou ladrão! Em minha casa não entrou ladrão nenhum!

SOUSA (*voltando*)

Aí vêm!... E este relógio que me acusa... Pelo menos prendem-me como cúmplice. (*Corre e esconde-se no armário*)

## CENA XV

*Entra Jorge.*

JORGE

Não se dá maior pouca vergonha... Julgarem que eu era ladrão! Creio que algum tratante aproveita-se da opa para entrar com liberdade nas casas e surrupiar alguma coisa, e os mais que andam de opa, que paguem!... Eu, roubar relógio!... Pois olhem, precisava bem de um. (*Vê o relógio sobre a mesa*) Um relógio! Que diabo! (*Pegando no relógio*) De quem será? Será roubado? Quatro bacias com esmolas! E então! E então tenho três homens dentro de casa? Oh, com os diabos! E todos três irmãos das almas... E ladrões ainda em cima! Vou saber como é isto. Mas, não; se eu perguntar, não me dizem nada. (*Aqui aparece à porta da direita Eufrásia, sem que ele a veja*) É melhor que eu veja com meus próprios olhos. Vou esconder-me no armário e de lá espireitarei. (*Vai para o armário; Eufrásia o segue pé ante pé. Logo que entra no armário, ela dá um pulo e fecha o armário com a chave*)

EUFRÁSIA

Está preso! Minha mãe, venha ver o canário! (*Sai*)

## CENA XVI

*Ouve-se dentro do armário uma questão de palavras, gritos e pancadas nas portas; isto dura por alguns instantes. Entra Mariana e Eufrásia.*

EUFRÁSIA

Está ali, minha mãe, eu o prendi!

MARIANA

Fizeste muito bem. (*Chega-se para o armário*)



EUFRÁSIA

Como grita! Que bulha faz!

MARIANA

Aqui há mais de uma pessoa...

EUFRÁSIA

Não senhora.

*(Os gritos dentro redobram e ouve-se muitas vezes a palavra – ladrão! – pronunciada por Jorge)*

MARIANA

São ladrões! *(Ambas gritam pela sala de um lado para outro)* Ladrões, ladrões, ladrões!

*(Luísa aparece à porta)*

LUÍSA *(entrando)*

O que é isto?

EUFRÁSIA

Ladrões em casa!

*(As três, correndo pela sala: – Ladrões, ladrões! Quem nos acode? Ladrões!)*

## CENA XVII

*Entra uma patrulha de quatro permanentes e um cabo. Virão de fardeta branca, cinturão e pistolas.*

CABO *(entrando)*

Que gritos são esses?

MARIANA

Temos ladrões em casa!

CABO

Aonde estão?

EUFRÁSIA

Ali no armário!

LUÍSA (*à parte*)

No armário! Que fiz eu? Está perdido...

*(O cabo dirige-se para o armário com os soldados. Mariana, Eufrásia e Luísa encostam-se para a esquerda, junto à porta)*

CABO (*junto ao armário*)

Quem está aí?

JORGE (*dentro*)

Abra, com todos os diabos!

CABO

Sentido, camaradas! *(O cabo abre a porta do armário; por ela sai Jorge, e torna a fechar a porta com presteza. O cabo agarra-lhe na gola da casaca)*  
Está preso.

JORGE (*depois de ter fechado o armário*)

Que diabo é isto?

CABO

Nada de resistência.

JORGE

O ladrão não sou eu.

EUFRÁSIA (*do lugar onde está*)

Senhor permanente, este é meu marido.

JORGE

Sim senhor. Eu tenho a honra de ser o marido da senhora.

EUFRÁSIA

Fui eu que o fechei no armário, e por isso é que se deu com os ladrões que ainda estão lá dentro.

JORGE

Sim senhor, a senhora fez-me o favor de me fechar aqui dentro, e por isso é que se deu com os ladrões... que aqui estão ainda...

CABO

Pois abra.

*(O cabo diz essas palavras a Jorge porque ele conserva-se, enquanto fala, com as costas apoiado no armário. Jorge abre a porta, sai Sousa; o cabo segura em Sousa. Jorge torna a fechar o armário e encosta-se. Sousa e o cabo que o segura caminham um pouco para a frente)*

JORGE

Este que é o ladrão.

SOUSA

Não sou ladrão. Deixe-me!

MARIANA

O compadre!

SOUSA

Comadre... *(Mariana chega-se para ele)*

JORGE

Segure-o bem, senão foge.

SOUSA

Fale por mim comadre. Diga ao senhor que eu não sou ladrão.

JORGE

É ele mesmo, e o outro que aqui está dentro.

CABO  
Vamos.

SOUSA  
Espere.

MARIANA  
Como é que você, compadre, estava ali dentro?

SOUSA  
Por causa de um maldito relógio que...

JORGE  
Vê? Está confessando que roubou o relógio. Ali está sobre a mesa.

CABO  
Siga-me.

SOUSA  
Espere!

MARIANA  
Um momento.

CABO  
Senão vai à força. Camaradas!

JORGE  
Duro com ele!

*(Chegam-se dois soldados e agarram em Sousa)*

CABO  
Levem este homem para o quartel.

SOUSA (*debatendo-se*)

Deixem-me falar...

CABO

Lá falará.

*(Os soldados levam Sousa à força)*

SOUSA

Comadre! Comadre!

JORGE

Sim, sim; lá falará! Patife, ladrão!

MARIANA

Estou confusa!

JORGE

Vamos aos outros que cá estão.

EUFRÁSIA

Não explico isto!

*(Jorge abre a porta do armário; sai por ela, com impetuosidade, Felisberto. Atira com Jorge no chão e foge pela porta do fundo. O cabo e os dois soldados correm em seu alcance)*

CABO

Pega, pega!

*(Sai, assim como os soldados. Jorge levanta-se)*

JORGE

Pega ladrão! Pega ladrão! *(Sai atrás, correndo)*

## CENA XVIII

*Mariana, Eufrásia e Luísa.*

MARIANA  
É meu sobrinho!

EUFRÁSIA  
É o primo!

LUÍSA (*à parte*)  
Terá ele saído?

MARIANA  
Não sei como foi isto.

EUFRÁSIA  
Nem eu.

MARIANA  
Deixei o compadre aqui sentado.

EUFRÁSIA  
O primo estava pedindo esmolas.

MARIANA  
Isto foi traição do patife do meu genro.

EUFRÁSIA  
Não pode ser outra coisa.

MARIANA  
Mas deixe-o voltar...

EUFRÁSIA  
Eu lhe ensinarei...

*(Durante este pequeno diálogo, Luísa, que está um pouco mais para o fundo, vê Tibúrcio, que da porta do armário lhe faz acenos)*

MARIANA

O que estás tu a fazer acenos? Vem cá. (*Pega-lhe pelo braço*) Viste o que fez o belo do teu irmão? Como ele não está aqui, tu é que me hás de pagar.

LUÍSA

Eu? E por quê?

MARIANA

Ainda pergunta por quê? Não viste como ele fez prender a meu compadre e a meu sobrinho? Isto são coisas arranjadas por ele e por ti.

LUÍSA

Por mim?

EUFRÁSIA

Sim, por ti mesma.

LUÍSA

Oh!

MARIANA

Faze-te de nova! Não bastava aturar eu o desavergonhado do irmão; hei de também sofrer as poucas vergonhas desta deslambida. (*Luísa chora. Aqui aparece à porta do fundo Jorge; vendo o que se passa, para em observação*) Hoje mesmo não me dorme em casa. Não quero. Vai ajuntar a tua roupa, e rua! (*Tibúrcio sai do armário e encaminha-se para elas*)

TIBÚRCIO

Não ficará desamparada.

(*Mariana e Eufrásia assustam-se*)

LUÍSA

Que fazes?

TIBÚRCIO  
Vem, Luísa.

MARIANA  
Quem é o senhor?

TIBÚRCIO (*para Luísa*)  
Vamos procurar teu irmão.

LUÍSA  
Espera.

(*Eufrásia observa com atenção a Tibúrcio*)

MARIANA  
Isto está galante. Muito bem! Com que a menina tem os amantéticos escondidos. Está adiantada...

TIBÚRCIO  
Senhora, mais respeito!

MARIANA  
Olá!

LUÍSA  
Tibúrcio!...

EUFRÁSIA  
Tibúrcio! É ele mesmo! Fuja, minha mãe!... (*Recua*)

MARIANA  
O que é?

EUFRÁSIA  
Fuja, que é um pedreiro-livre! (*Deita a correr para dentro*)



MARIANA (*aterrorizada*)

Santa Bárbara, São Jerônimo, acudam-me! (*Sai correndo*)

TIBÚRCIO (*admirado*)

E esta!...

### CENA XIX

*Jorge, que da porta tem observado tudo, logo que Mariana sai, corre e abraça-se com Tibúrcio.*

JORGE

Meu Salvador! Meu libertador!

TIBÚRCIO

O que é lá isso? Temos outra?

JORGE

Homem incomparável!

LUÍSA

Mano!

TIBÚRCIO

O senhor está doido?

JORGE (*abraçando-se com os pés de Tibúrcio*)

Deixe-me beijar seus pés, vigésima maravilha do mundo!

TIBÚRCIO

Levante-se, homem!

LUÍSA

O que é isto, Jorge?

JORGE (*de joelhos*)

E adorar-te como o maior descobridor dos tempos modernos.

TIBÚRCIO

Não há dúvida, está doido!

LUÍSA

Doido? Faltava-me esta desgraça!

JORGE (*levanta-se*)

Pedro Alves Cabral quando descobriu a Índia, Camões quando descobriu o Brasil, não foram mais felizes do que eu sou por ter descoberto o meio de meter medo a minha sogra e a minha mulher. E a quem devo eu esta felicidade? A ti, homem sublime.

TIBÚRCIO

E é só por isso?

JORGE

Acha pouco? Sabe o que é uma sogra e uma mulher? O senhor gosta da mana?

TIBÚRCIO

Fazia tenção de o procurar hoje mesmo, para falar-lhe a este respeito.

JORGE

Quer casar-se com ela?

LUÍSA

Jorge!

TIBÚRCIO

Seria minha maior ventura.

JORGE

Pois bem, pratique com minha sogra o que eu praticar com minha mulher.

TIBÚRCIO

Como é lá isso?

LUÍSA

Que loucura!

JORGE

Quer-se casar? É decidir, e depressa.

TIBÚRCIO

Homem, se a coisa não é impossível...

JORGE

Qual impossível! Minha sogra é uma velha.

TIBÚRCIO

Por isso mesmo.

JORGE

Luísa, vai chamá-las. Dize-lhes que estou só e que preciso muito falar-lhes. E tu não apareças enquanto elas cá estiverem. Anda!

*(Luísa sai)*

## CENA XX

*Jorge e Tibúrcio.*

TIBÚRCIO

O que quer fazer?

JORGE

Saberá. Esconda-se outra vez no armário, e quando eu bater com o pé e gritar: Satanás!, salte para fora, agarre-se a minha sogra e faça quanto eu fizer.

TIBÚRCIO

Aqui mesmo nesta sala?

JORGE

Sim, sim. E avie-se, que elas não tardam.

TIBÚRCIO

Vá feito! Como é para ao depois casar-me... (*Esconde-se no armário*)

JORGE (*à parte*)

Toleirão! Casa-te e depois dá-me novas. (*Senta-se*) Hoje é dia de felicidades para mim. Achei um marido para a mana; dei com dois tratantes no xilindró, e para coroar a obra vim a descobrir o meio de me fazer respeitar nesta casa. Ainda bem que eu tinha meus receios de encontrar-me com elas... Hão de estar danadas.

## CENA XXI

*Mariana e Eufrásia aparecem à porta e, receosas, espreitam para a Cena.*

JORGE

Podem entrar.

MARIANA (*adiantando-se*)

Podem entrar? A casa é tua?

EUFRÁSIA

De hoje em diante hás de tu e a desavergonhada da tua irmã porem os quartos na rua.

JORGE

Veremos...

MARIANA

Que desaforo é esse? Ai, que arrebento!

JORGE (*levanta-se e coloca-se entre as duas*)

Até aqui tenho vivido nesta casa como um cão...

EUFRÁSIA

Assim o merecias.

MARIANA

E ainda mais.

JORGE

Mas como tudo neste mundo tem fim, o meu tratamento de cão também o terá.

MARIANA

Agora também digo eu – veremos!

JORGE

Até agora não tenho sido homem, mas era preciso sê-lo. E o que havia eu de fazer para ser homem. (*Com exaltação*) Entrar nessa sociedade portentosa, universal e sesquipedal, aonde se aprendem os verdadeiros direitos do homem. (*Faz momices e sinais extravagantes com as mãos*)

EUFRÁSIA

O que quer isto dizer?

MARIANA

Ai, o que está ele a fazer?

JORGE

Estes são os sinais da ordem. (*Faz os sinais*)

MARIANA

Está doido!

JORGE (*segurando-as pelos punhos*)

A senhora tem feito de mim seu gato-sapato; e a senhora, seu moleque; mas isto acabou-se! *(Levanta os braços das duas, que dão um grito)* Acabou-se! Sou pedreiro-livre! Satanás!

MARIANA  
Misericórdia!

EUFRÁSIA  
Jesus!

*(Tibúrcio salta do armário. Jorge deixa o braço de Mariana e, segurando em ambos os de Eufrásia, gira com ela pela sala, gritando: Sou pedreiro-livre! O diabo é meu compadre! Tibúrcio faz com Mariana tudo quanto vê Jorge fazer. As duas gritam aterrorizadas. Jorge larga a Eufrásia, que corre para dentro. Tibúrcio, que nessa ocasião está do lado esquerdo da Cena, larga também a Mariana, que atravessa a Cena para acompanhar Eufrásia; encontra-se no caminho com Jorge, que faz-lhe uma careta e a obriga a fazer um rodeio para sair. Os dois desatam a rir)*

JORGE  
Bem diz o ditado, que ri-se com gosto quem se ri por último. Luísa? Luísa? *(Para Tibúrcio)* Um abraço. Que achado!

## CENA XXII

*Entra Luísa.*

JORGE  
Vem cá. *(Conduzindo-a para Tibúrcio)* Eis aqui a paga do serviço que acaba de fazer-me. Sejam felizes se o puderem, que eu de hoje em diante, se não for feliz, hei de ao menos ser senhor em minha casa. *(Aqui entram correndo Mariana e Eufrásia, como querendo fugirem de casa. Mariana trará a mantilha na cabeça e uma trouxa de roupa debaixo do braço; o mesmo trará Eufrásia. Jorge, vendo-as)* Pega nelas! *(Jorge diz estas palavras logo que as vê. Corre de encontro a elas e fica por conseguinte junto à porta que dá para o interior, quando elas já estão quase junto à porta da rua. Aparece da porta um irmão das almas)*

IRMÃO

Esmola para missas das almas!

*(As duas quase que se esbarram, na carreira que levam, contra o irmão. Dão um grito e voltam correndo para saírem por onde entraram, mas aí encontrando Jorge, que lhes fecha a saída, atravessam a Cena e, esbarrando-se do outro lado com Tibúrcio, largam as trouxas no chão e caem de joelhos a tremer)*

EUFRÁSIA

Estamos cercadas!

MARIANA

Meus senhorezinhos, não nos levem para o inferno!

JORGE

Descansem, que para lá irão sem que ninguém as leve...

AMBAS

Piedade! Piedade!

JORGE

Bravo! Sou senhor em minha casa! E eu que pensava que era mais difícil governar mulheres!

*(Mariana e Eufrásia conservam-se de joelhos, no meio de Jorge, Tibúrcio e Luísa, que riem-se às gargalhadas até abaixar o pano)*

IRMÃO *(enquanto eles riem e desce o pano)*

Esmola para missas das almas!



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)